



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 17/04/2020 a 23/04/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
17/04/2020	8,32	288,20	26,29	5,33	3,22
20/04/2020	8,26	285,60	25,98	5,48	3,14
21/04/2020	8,30	289,10	25,35	5,46	3,09
22/04/2020	8,34	288,30	25,57	5,43	3,17
23/04/2020	8,39	288,70	25,61	5,47	3,19
Média	8,32	287,98	25,76	5,43	3,16

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	98,50	ND
RS - Santa Rosa	98,00	ND
RS - Ijuí	98,00	ND
PR - Cascavel	95,00	ND
MT - Rondonópolis	92,00	ND
MS - Ponta Porã	85,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	90,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	89,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	147,00	ND
Paraguai (FOB)**	112,50	ND
Paraguai (CIF)**	165,00	ND
RS - Erechim	48,00	ND
SC - Chapecó	46,00	ND
PR - Cascavel	44,00	ND
PR - Maringá	44,00	ND
MT - Rondonópolis	43,00	ND
MS - Dourados	37,00	ND
SP - Mogiana	45,00	ND
SP - Campinas (CIF)	49,00	ND
GO - Goiânia	44,00	ND
MG - Uberlândia	43,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	1.000,00	ND
RS - Santa Rosa	1.000,00	ND
PR - Maringá	1.200,00	ND
PR - Cascavel	1.150,00	ND

Período: 22/04/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 23/04/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	45,26	90,89	47,27

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 23/04/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	53,29
Feijão (saco 60 Kg)	170,50
Sorgo (saco 60 Kg)	36,60
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,88
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,30**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,51

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, após novo recuo durante esta semana, registraram uma pequena melhoria no final da mesma, com o fechamento desta quinta-feira (23) ficando em US\$ 8,39/bushel para o primeiro mês cotado, contra US\$ 8,36 uma semana antes.

O baixo volume de soja exportado pelos EUA e a forte queda nos preços internacionais do petróleo, além da continuidade dos efeitos negativos da pandemia da Covid-19 sobre a economia global, pesaram sobre as cotações da soja nesta semana.

No que diz respeito às exportações estadunidenses, as vendas líquidas de soja na semana encerrada em 09/04, para o ano comercial 2019/20, que se encerra em 31/08 próximo, atingiram apenas 244.700 toneladas. Este volume é 68% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o novo ano 2020/21 o volume somou 60.000 toneladas. Com isso, a soma dos dois anos ficou abaixo do esperado pelo mercado.

Por sua vez, as inspeções de exportação estadunidenses somaram 539.824 toneladas na semana encerrada em 16 de abril. No acumulado do ano comercial atual o volume atinge a 32,9 milhões de toneladas, contra 31 milhões em igual momento do ano anterior.

Soma-se a este baixo desempenho a possível queda no consumo de farelo de soja devido ao fechamento de plantas frigoríficas estadunidenses em função do coronavírus. Ao mesmo tempo, o recuo no consumo de etanol, também puxado pela pandemia, coloca o mercado em alerta para a possibilidade de os produtores estadunidenses reduzirem a área a ser semeada com milho, em favor da soja. E mais soja semeada significa mais pressão baixista sobre os preços futuros caso a safra venha a ser normal nos EUA.

Quanto ao petróleo, as cotações do tipo WTI, negociado em Nova York, nos EUA, chegaram a ser negativas pela primeira vez na história durante esta semana. A fraca demanda, também devido a paralisação da economia global em função do coronavírus, chegou a levar quem possuía contratos de petróleo a pagar para que os mesmos fossem adquiridos. No mercado físico, a falta de unidades de estocagem leva as empresas a pagarem para poderem vender o produto. Algo nunca visto neste mercado mundial. Uma queda brutal do petróleo acaba puxando também as demais commodities, dentre elas a soja, embora este processo junto ao chamado “ouro negro” tenda a ser de curta duração.

Pelo lado positivo, a lenta retomada das atividades econômicas na China começam a dar um certo alento ao mercado, embora a mesma ainda esteja longe do ideal. Por enquanto, os chineses estão dando mais atenção à soja sul-americana, particularmente à brasileira. Assim, melhores vendas de soja estadunidense para o país asiático são esperadas apenas para o segundo semestre.

Dito isso, os efeitos do coronavírus na economia chinesa foram intensos. O PIB chinês recuou 6,8% no primeiro trimestre do ano, em comparação ao mesmo trimestre de 2019, sendo o primeiro recuo registrado desde 1992, quando o país começou a divulgar dados trimestrais de sua economia. Já em relação ao trimestre imediatamente

anterior (quarto trimestre de 2019) o tombo foi maior, atingindo a 9,8%. Neste contexto, a economia chinesa deverá crescer, em 2020, algo em torno de 1,5%, contra uma expectativa inicial ao redor de 5,5% a 6%.

No Brasil, o câmbio voltou a apresentar forte desvalorização do Real, com o mesmo chegando a bater em R\$ 5,40 em alguns momentos da corrente semana. Com isso, os preços da soja voltaram a apresentar viés de alta. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 90,89/saco, enquanto os lotes subiram para níveis entre R\$ 98,00 e R\$ 98,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 95,00 e R\$ 96,00 no Paraná; R\$ 86,00 em Querência (MT); R\$ 81,50 em São Gabriel (MS); R\$ 88,00 em Goiatuba (GO); R\$ 100,00 em Campos Novos (SC); R\$ 86,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 88,00/saco em Uruçuí (PI).

Por sua vez, os prêmios nos portos brasileiros giraram entre US\$ 0,44 e US\$ 0,73/bushel, sem grandes mudanças em relação a média das semanas anteriores.

Neste contexto, o preço da soja no Brasil está dependendo do câmbio para se manter elevado. Tanto é verdade que, em nova atualização, temos que, aos valores de Chicago e do prêmio praticados neste momento de abril no Rio Grande do Sul, caso o câmbio estivesse dentro da paridade normal, ao redor de R\$ 4,00 por dólar, o saco de soja no balcão gaúcho estaria valendo ao redor de R\$ 68,00, ou seja, cerca de R\$ 23,00 a menos em relação ao valor atual. Em um cenário de câmbio a R\$ 4,60, como o mercado espera chegar ao final deste ano de 2020, passado os efeitos da pandemia, o saco de soja, no balcão gaúcho, hoje valeria R\$ 78,00, ou seja, 10 reais a mais do que o cenário anterior, porém, ainda cerca de R\$ 13,00 a menos do que o valor atual.

Dito isso, a colheita da soja no Brasil chegava a 92% da área no dia 17/04, contra 90% na média histórica para esta época. No Rio Grande do Sul a mesma atingia a 85% da área, contra 70% na média; na Bahia 53%, contra 60% na média; em Santa Catarina 88%, contra 80% na média. Nos demais grandes produtores nacionais a mesma estava praticamente encerrada. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, após atingirem patamares tão baixos que não eram vistos há muitos anos (US\$ 3,09/bushel no dia 21/04), se recuperaram um pouco no final da corrente semana em Chicago, fechando a quinta-feira (23) em US\$ 3,19/bushel para o primeiro mês cotado, ou seja, no mesmo nível de uma semana antes.

Em Chicago o mercado segue baixista, com poucas condições de recuperação de preços no curto prazo. Mesmo com o milho estadunidense valendo US\$ 146,00/tonelada FOB, se constituindo no mais barato dentre os principais exportadores, as vendas externas não deslancham. A pandemia da Covid-19 é um dos motivos. Assim, na semana anterior os EUA exportaram apenas 906.000 toneladas. Além disso, a demanda interna, com o fechamento de frigoríficos devido ao coronavírus, se mantém retraída. Soma-se a isso a forte queda no preço do petróleo durante a semana, e a nova valorização do dólar no mercado externo, e o quadro baixista ficou completo.

Com isso, a pouca recuperação que houve se deu em função de ajustes técnicos normais nestas condições de mercado. Mais adiante, caso se confirme uma redução na área semeada com milho nos EUA (por enquanto não é o caso), talvez as cotações melhorem. Caso contrário, apenas o clima no Meio-Oeste estadunidense e a cadência de saída da crise provocada pela pandemia do coronavírus é que poderão provocar uma mudança no viés baixista atual.

Além disso, há pressão da colheita na Argentina, onde os preços do cereal recuaram bastante durante a semana e, logo mais, da safrinha brasileira. E, por enquanto, o clima nas regiões de produção está normal, permitindo esperar um plantio de milho dentro da janela ideal. Neste sentido, o plantio da nova safra estadunidense, até o dia 19/04, hoje centrado no Texas, chegou a 7% da área esperada, contra 9% na média histórica para esta data.

Nem mesmo a melhoria das cotações do trigo, motivada pelo bloqueio russo de suas vendas do cereal, provocou grandes alterações positivas no preço do milho em Chicago.

A tonelada FOB na Argentina fechou a semana na média de US\$ 147,00 e no Paraguai em US\$ 112,50.

No mercado interno brasileiro, os preços continuaram com viés de baixa. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 45,26/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00. Nas demais praças, os lotes giraram entre R\$ 37,00 em Sinop (MT) e R\$ 47,00 em Itanhandu (MG), passando por R\$ 45,00/saco na Mogiana paulista e R\$ 47,00 em Concórdia (SC).

O confronto entre as cotações da BM&F e o preço no mercado físico paulista, para o mês de maio, continua. Hoje, o contrato maio naquela Bolsa está em R\$ 45,00/saco. Para que isso se mantenha viável em meados de maio, o mercado físico, no interior paulista, terá que recuar para R\$ 38,00 a R\$ 39,00/saco junto ao produtor; ficando entre R\$ 41,00 a R\$ 42,00 nas cooperativas, enquanto o valor do produto em Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul deverá cair para R\$ 35,00 a R\$ 37,00/saco. Como não haverá colheita de safrinha em maio, será quase impossível isso ocorrer. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, as posições de julho e setembro estão abaixo do preço praticado no porto. Em permanecendo o Real muito desvalorizado, o grande risco é o segundo semestre assistir a uma forte alta nas exportações, deixando o mercado interno com pouco abastecimento. Isso tende a coincidir com a retomada da economia, pós-pandemia, podendo reverter a tendência de baixa nos preços internos do cereal e trazê-los para níveis importantes novamente.

Assim, o mercado interno, no segundo semestre, fica na dependência do volume das exportações, o qual estará bastante ligado ao comportamento do câmbio e da oferta final da safrinha. Neste momento, aliás, há preocupações climáticas no Paraná e no Mato Grosso do Sul em relação a safrinha.

Por enquanto, o mercado vem trabalhando, no Triângulo mineiro, com preços entre R\$ 36,00 e R\$ 37,00/saco para a safrinha, contra os atuais R\$ 42,00 a R\$ 43,00/saco. Em

Goiás, safrinha ao redor de R\$ 34,00 a R\$ 35,00/saco, havendo exportadores presentes no mercado a estes níveis de preço para embarques a partir de agosto. Hoje Goiás trabalha com valores entre R\$ 40,00 e R\$ 44,00/saco. Enfim, em São Paulo, safrinha para julho/agosto com compradores entre R\$ 34,00 e R\$ 35,00/saco, contra os atuais R\$ 45,00 a R\$ 47,00/saco. (cf. Safras & Mercado) Ou seja, um recuo entre seis a 10 reais por saco entre os valores de hoje e os apontados para a safrinha nestas regiões.

Enfim, a colheita de milho de verão no Centro-Sul brasileiro chegou a 77% da área total em 17/04, contra 78% na média histórica. O Rio Grande do Sul chegava a 93%, contra 92% na média, enquanto o grande atraso na mesma continuava sendo encontrado em Minas Gerais, com 41% colhido, contra 51% na média nesta época, e Goiás/DF com 40% colhido, contra 79% nesta época. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago melhoraram nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado saiu de US\$ 5,29/bushel uma semana atrás, para o fechamento de US\$ 5,47/bushel nesta quinta-feira (23).

Com a pandemia espalhada pelo mundo, o dólar continua sendo um valor refúgio importante, se valorizando em relação as demais moedas e, com isso, tirando competitividade do trigo estadunidense. Assim começou esta nova semana!

Neste contexto, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, para o ano 2019/20, iniciado em 1º de junho, somaram 178.300 toneladas na semana encerrada em 09/04, registrando um recuo de 49% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21, o volume exportado chegou a 419.400 toneladas, fato que acabou deixando a soma dos dois anos em torno do limite superior esperado pelo mercado.

Já as inspeções de exportação estadunidenses somaram 469.922 toneladas na semana encerra em 16/04. Na mesma época do ano passado tais inspeções haviam somado 829.703 toneladas, ou seja, 76% mais do que as deste ano nesta data.

Durante a semana, notícias procedentes da Rússia informando que aquele país irá suspender suas exportações de trigo até 1º julho, visando o abastecimento interno, inverteu a tendência de preços no mercado do cereal. Essa decisão deverá mexer com as cotações do cereal especialmente a partir de maio.

Enfim, durante a semana o USDA anunciou piora nas condições das lavouras de trigo de inverno dos EUA. Até o dia 19/04, as mesmas apresentavam 57% em condições entre boas a excelentes, contra 62% uma semana antes; 30% estavam regulares; e 13% entre ruins a muito ruins, contra 10% uma semana antes.

Aqui na Argentina, a tonelada de trigo FOB oficial esteve cotada a US\$ 245,00 para entrega em abril. Ao câmbio atual, a mesma chega nos moinhos paulistas a R\$ 1.450,00 e em Curitiba a R\$ 1.350,00, fato que mantém o espaço para novas altas nos

preços do trigo brasileiro. Para novembro, o trigo argentino ficou cotado a US\$ 214,00/tonelada. (cf. Safras & Mercado)

E no Brasil, o trigo voltou a manter seu viés de alta como era esperado. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 47,27/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 60,00/saco. No Paraná, o balcão trabalhou entre R\$ 56,00 e R\$ 63,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 69,00 e R\$ 72,00/saco. Já em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, registraram R\$ 63,00/saco.

Diante da nova desvalorização do Real, as importações ficaram ainda mais caras, favorecendo os preços internos do trigo de qualidade superior, há muito tempo escasso no país. Em paralelo, as alternativas de importação vão ficando mais difíceis. Além do pouco produto disponível no Mercosul, neste momento, o anúncio russo de fechamento de suas exportações do cereal complica um pouco mais as coisas. O Brasil terá que se direcionar mesmo para o Canadá e os EUA, embora não tenha havido redução das tarifas de importação para o produto procedente de fora do Mercosul. A saída russa do mercado, mesmo que momentânea, tende a elevar as cotações internacionais do trigo, encarecendo ainda mais o produto importado pelo Brasil.

Soma-se a isso o fato de que, na medida em que passa o tempo, a demanda interna tende a buscar se reabastecer, aumentando a liquidez local. Por outro lado, a seca no Rio Grande do Sul continua preocupando, pois atrasa o plantio do trigo. Há possibilidades de chuvas mais expressivas, finalmente, apenas entre os dias 04 e 05 de maio no interior gaúcho.

Assim, Real em forte desvalorização, pandemia da Covid-19 ainda forte e sem definição, e abastecimento internacional mais curto continuam pressionando os preços do trigo no mercado brasileiro, mantendo o viés de alta para o produto que ainda está em mãos dos produtores. Especialmente a partir de agora em que os moinhos brasileiros tendem a aumentar suas compras, pois a nova safra somente entrará a partir de setembro e, por enquanto, ninguém sabe em que condições de volume e qualidade já que nos dois últimos anos a mesma foi frustrada.